

CONSIDERAÇÕES ACERCA D'A IDEOLOGIA ALEMÃ

Terezinha Oliveira

Professora-Adjunta do Departamento de Fundamentos da Educação
Mestrado em Fundamentos da Educação - Universidade Estadual de Maringá
Av. Colombo, 5790 - CEP 87020-900 - Maringá - PR
Fone: (044) 261-4040 - Ramal: 4339 - Fax: (044) 262-1161

resumo

Neste artigo pretendemos mostrar que a concepção de história de Marx e Engels, exposta n'**A Ideologia Alemã**, pertence a uma época histórica determinada, a época em que a idéia pode se tornar prática.

Palavras-chave: Ideologia; Filosofia; História.

Introdução

Quando Marx e Engels escreveram **A Ideologia Alemã**¹, obra que permaneceu inédita em vida dos autores, estava-se formulando uma nova maneira de se conceber a História, isto é, um novo modo de se compreender os homens. Marx e Engels, não encontrando condições para a publicação da obra, deixaram-na entregue à crítica roedora dos ratos, como eles próprios contam, já que o objetivo a que se haviam proposto tinha sido alcançado: ajustar contas com a filosofia hegeliana e esclarecer suas próprias idéias.²

Uma discussão sobre esta obra tem, pois, que levar em conta estes dois fatos. O primeiro é que a mesma não foi publicada e, por conseguinte, fica-se sem saber qual seria a versão final que seus autores teriam dado caso fosse ao prelo. O segundo é que, apesar disso, seus autores atribuem à ela um marco decisivo na evolução da formulação da doutrina marxista - o momento de ruptura com a interpretação vigente. Não resta à nós senão verificar onde residiria a importância atribuída pelos seus autores para entendermos a dimensão que assume esta obra no interior do marxismo.

1. O fim da filosofia

Marx e Engels anunciam em **A Ideologia Alemã** o fim da filosofia enquanto formulação das questões humanas. De fato, a questão principal desta obra é a afirmação de que a concepção então existente da relação entre o ser e a consciência estava com seus dias contados: uma nova maneira de conceber esta relação mostrava o beco sem saída em que se metera a antiga concepção do mundo.

Deve-se ressaltar que, para escreverem sua obra, Marx e Engels não polemizaram com Hegel, mas com seus herdeiros, com os neo-hegelianos. Isto se deve, a nosso ver, ao fato destes serem, eles próprios, agentes e produto da decomposição da filosofia hegeliana. Segundo os autores d'**A Ideologia**, estes filósofos, tendo fragmentado o pensamento de Hegel, apoderaram-se de uma parte do mesmo, transformando seu pensamento em uma *fraseologia*. Assim, foram estes filósofos que acabaram por promover a desagregação da filosofia hegeliana, apontando para os limites não apenas do hegelianismo mas da própria filosofia, tanto no que diz respeito à explicação do mundo como na formulação de propostas para a sua transformação.

¹ MARX, K. e ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Trad. de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira, São Paulo: Grijalbo, 1977.

² MARX, K. Prefácio à **Contribuição à Crítica da Economia Política**. In: MARX, K. e ENGELS, F. **Textos**. São Paulo: Edições Sociais, s/d, 3 vs. v. III, p. 302.

“Trata-se, certamente, de acontecimento pleno de interesse: o processo de decomposição do espírito absoluto. Desde que se extinguiu a última chama de vida, os vários elementos desse *caput mortuum* entraram em decomposição, formando novas combinações e constituindo-se em novas substâncias” (p. 22).

Não se pode, todavia, ignorar o fato de que estes autores não estavam criticando apenas uma determinada forma de conceber o mundo mas, também, este mesmo mundo. Com efeito, é indissociável a crítica que Marx e Engels fazem aos neo-hegelianos da formulação de que o movimento social tendia para uma nova sociedade, fundada na propriedade coletiva dos meios de produção.

O segredo da crítica que Marx e Engels fazem, pois, não à filosofia de Hegel, mas à uma época histórica que tinha na filosofia sua forma de expressão, está, acreditamos, nas teses VIII e IX das *Teses sobre Feuerbach*. Na VIII, Marx afirma pelo caráter prático da vida social: “*Toda vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que levam a teoria para o misticismo encontram sua solução racional na praxis humana e na compreensão dessa praxis*” (p. 14).

Na IX, por sua vez, Marx critica a filosofia justamente por esta limitar-se a interpretar o mundo: “*Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo*” (p. 14).

Costuma-se afirmar que n’**A Ideologia**, Marx e Engels combatem o idealismo. Trata-se aqui antes do idealismo que se quer prática do que ao idealismo em geral. Ao contrário, Marx e Engels entendem que a filosofia e o idealismo expressaram de maneira coerente uma época histórica. É somente no século XIX, com o grande desenvolvimento das condições de produção, advindo com a revolução industrial, que as debilidades da filosofia ficam patentes, já que quer transformar o mundo modificando as idéias. Daí o motivo porque Marx e Engels chamam esta filosofia, a neo-hegeliana, de “*fantasias inocentes e pueris*”.

Marx e Engels não combatem o idealismo opondo-o ao materialismo. Também o materialismo então existente, o de Feuerbach, é recusado por estes autores. Na primeira tese sobre Feuerbach, Marx observa que o materialismo apreendeu o objeto sob a forma de objeto e não como atividade humana sensível. Ou seja, apreendeu os produtos do trabalho não como tais, como resultado da atividade humana, mas como objetos simplesmente.

“O principal defeito de todo materialismo até aqui (incluindo o de Feuerbach) consiste em que o objeto, a realidade, a sensibilidade, só é apreendido sob a forma de *objeto ou de intuição*, mas não como *atividade humana sensível*, como *praxis*, não subjetivamente. (...) Feuerbach quer objetos sensíveis - realmente distintos dos objetos do pensamento: mas não apreende a própria atividade humana como atividade *objetiva*” (p. 11).

Assim, Marx e Engels cobram do materialismo exatamente o trabalho como a atividade que cria, além do próprio homem, a realidade que o circunda. Sem esta atividade, os objetos aparecem como tais, incompreensíveis, portanto, para o homem. Deste modo, ainda que estes dois autores formulem sua concepção de mundo opondo-se aos neo-hegelianos, isto não significa que não tenham criticado o materialismo como insuficiente.

É claro que Marx e Engels não jogam na lata do lixo a filosofia. O que fazem é mostrar que a época em que estavam vivendo era uma nova época, que exigia uma nova forma de pensar. Esta nova forma de pensar tinha que ser *prática*. Era exatamente por isso que a filosofia não era mais a forma adequada para este novo tempo. A época da especulação filosófica havia se encerrado. Exigia-se uma nova ciência para uma nova época: “*Ali onde termina a especulação, na vida real, começa também a ciência real, positiva, a exposição da atividade prática, do processo prático de desenvolvimento dos homens*” (p. 38).

É por isso que criticam os neo-hegelianos e não o próprio Hegel. Este, dadas as condições históricas existentes, era *adequado* à sua época. Pôde, por isso mesmo, levar a filosofia ao seu mais alto grau de desenvolvimento. O problema estava com seus herdeiros.

De fato, tendo permanecido no campo da filosofia, numa época em que esta não podia mais se fazer interprete das questões humanas, os neo-hegelianos acreditavam que o campo da luta era o pensamento, buscando, para as questões práticas da vida, opor uma forma de pensar a outra. Entendiam que isto era suficiente para fazer com que os homens mudassem seu modo de vida.

“Desde que os jovens hegelianos consideravam as representações, os pensamentos, os conceitos - em uma palavra, os produtos da consciência por eles tornada autônoma - como os verdadeiros grilhões dos homens (...), é evidente que os jovens hegelianos têm que lutar apenas contra essas ilusões da consciência” (p. 25).

Permanecendo no campo do pensamento, especulando e desligados completamente da vida prática, os neo-hegelianos tinham-se tornado verdadeiramente ridículos, incapazes de compreender a dimensão do mundo em que viviam e perceber o alcance de suas formulações. Os autores d’**A Ideologia** permitiram-se, por isso mesmo, uma sátira a estes filósofos, apresentando-os como indivíduos que combatiam no pensamento, procurando substituir uma maneira de pensar por outra, acreditando que, com isso, libertariam o mundo. Opunham, a um modo de pensar, outro modo de pensar. Assim, segundo Marx e Engels, em que pesem todos os esforços e gritarias dos filósofos alemães, a crítica alemã não teria abandonado o terreno da filosofia.

Marx e Engels foram mais adiante na sua sátira. Mostraram que estes filósofos em nada diferiam dos industriais alemães. Aliás, tratavam-nos como industriais da filosofia, que tinham se atirado aos despojos de Hegel, apoderando-se de uma parte de sua doutrina, que puseram-

se a explorar. Como industriais, concorriam entre si e apresentavam sua doutrina como a verdadeira. Esta concorrência teria levado ao abarrotamento do mercado alemão. Em conseqüência, o recurso à adulteração tornou-se uma prática necessária.

A crítica de Marx e Engels aos neo-hegelianos reside, assim, no fato destes pensadores nunca terem abandonado o terreno da filosofia. Não examinaram, por isso, seus pressupostos filosóficos gerais e não se preocuparam em responder ao problema da conexão entre a filosofia e a realidade alemãs:

“A nenhum destes filósofos [e aqui Marx e Engels referem-se tanto aos velhos como aos jovens hegelianos] ocorreu perguntar qual era a conexão entre a filosofia alemã e a realidade alemã, a conexão entre a sua crítica e o seu próprio meio material” (p. 26).

Todavia, Marx e Engels não poderiam formular esta crítica sem terem eles próprios considerado apenas seus pressupostos filosóficos mas, também, as condições históricas que lhes deram origem, ou melhor, deram origem à sua formulação. Com efeito, segundo estes, esta nova concepção da história somente poderia surgir quando da formação do **mercado mundial**. Por mercado mundial deve-se entender a expropriação generalizada, a criação de uma classe despojada não apenas de qualquer propriedade como da própria ilusão de um retorno a um passado quando possuía pelo menos parte do instrumental do trabalho. Era preciso que a nova forma de pensar, condizente com as novas condições históricas, analisasse as questões de um ponto de vista mundial. Sob este aspecto, Marx e Engels não são pensadores alemães mas vinculados ao mercado mundial, são cosmopolitas. Ao se analisar as condições materiais de existência, do homem e do seu pensamento, a autonomia do pensar cai por terra. Com isso, “*A filosofia autônoma perde, com a exposição da realidade, seu meio de existência*” (p. 38).

Mais do que isto, Marx e Engels somente puderam expor uma nova doutrina porque ou estava se criando ou havia se criado as condições para a transformação da sociedade. Criara-se uma massa de riqueza e um contingente de homens destituídos de propriedade e vivendo em contradição com esta riqueza. Isto somente era possível com um grande incremento das forças produtivas que permitisse a existência humana no plano histórico-mundial. Somente este grande incremento e esta existência mundial possibilitaria um intercâmbio universal e tornaria impossível qualquer hipótese de retrocesso. Para Marx e Engels, a nova sociedade somente poderia existir a partir deste grande desenvolvimento histórico e desta imensa riqueza criada pela sociedade.

Marx e Engels expuseram, em linhas gerais, o processo histórico da humanidade, pondo em destaque algumas das suas formas sociais, como a escravidão antiga, o feudalismo e a sociedade burguesa. O intuito era a de mostrar estas diferentes formas históricas como formas de

existência social dos homens e, por conseguinte, formas do desenvolvimento social.

Disto tiravam duas conclusões. A primeira dizia respeito às idéias. Com efeito, assim como se modificava as condições de existência dos homens, também modificava seu modo de pensar. A segunda era relativa à natureza humana. De fato, como estas diferentes formas eram formas sociais de existência do homem, então não se poderia falar de uma natureza humana, ahistórica, acima e fora das condições materiais da vida.

Sob este aspecto, não existe contradição entre o capitalismo e a natureza humana. Este constituía, como outros tantos, um modo determinado de os homens produzirem sua vida. Neste sentido, o socialismo e o comunismo não eram consideradas sociedades onde existiria concordância entre as relações sociais e a natureza humana. Eram, simplesmente, formas históricas. O comunismo não era, assim, a forma para a qual a história tenderia, a fim de realizar a coincidência entre sociedade e natureza humana. Era, antes, o movimento histórico de superação das condições vigentes.

“O comunismo não é para nós um *estado* que deve ser estabelecido, um *ideal* para o qual a realidade terá que se dirigir. Denominamos comunismo o movimento *real* que supera o estado de coisas atual. As condições desse movimento resultam de pressupostos atualmente existentes” (p. 52).

Marx e Engels não anunciavam, portanto, o estabelecimento de uma sociedade justa. Apenas formularam o fato de que haviam-se criado condições para a ruptura com o estado de coisas existentes. O proletariado aparecia na sua doutrina como a classe revolucionária não porque fosse miserável e/ou explorada - o que teria transformado Marx e Engels antes em paladinos da justiça do que em cientistas sociais³ -, mas por causa da sua própria posição social - em oposição à sociedade burguesa. O proletariado era, na opinião destes, a única classe interessada na derrocada do mundo burguês. Por conseguinte, uma classe revolucionária; aliás, a única classe realmente revolucionária desta sociedade. De fato, esta nova doutrina tem como ponto de partida a idéia de que a classe operária, estando em contradição com a sociedade burguesa, iria revolucionar as relações sociais. É inseparável, pois, da formulação destes autores a consideração da classe operária como uma classe revolucionária. Esta doutrina expressava de tal maneira as novas exigências históricas que, como observa Gorender na introdução (p. X), a este caráter revolucionário do proletariado teriam chegado Marx e Engels independentemente um do outro e por caminhos diversos.

A nosso ver, **A Ideologia Alemã** somente pode ser compreendida em sua inteireza se a considerarmos como uma obra que aparece na polêmica com os neo-hegelianos. Ainda

³ Podemos afirmar, com toda segurança, que a doutrina de Marx e Engels e, portanto, o socialismo e o comunismo, são antes credores da máquina à vapor e da *Mule-Jenny* do que de qualquer idéia de justiça ou igualdade.

que nela tenhamos a parte positiva, isto é, a exposição da concepção de homem, portanto, de História para Marx e Engels, também possui a parte polêmica. É esta parte que impõe que seus autores insistam no fato de que as idéias não explicam os homens. São os homens que, na sua atividade prática, explicam as idéias. Estas não têm uma existência autônoma; estão entrelaçadas com a atividade material:

“A produção de idéias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material” (p. 36).

Por isso,

“Totalmente ao contrário do que ocorre na filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se ascende da terra ao céu. Ou, em outras palavras: não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, e tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida” (p. 37).

E, um pouco mais adiante, em oposição aos neo-hegelianos que, levando a filosofia às últimas conseqüências, tentando torná-la prática, acreditavam que a consciência determinava o modo de vida dos homens, Marx e Engels afirmam que era esta que determinava a consciência. Os homens não eram o que pensavam. Ao contrário, o que pensavam dependia do ser social dos homens:

“*Não é consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência*” (p. 37).

Com Marx e Engels não se parte do céu para se chegar à terra. Parte-se da terra para se chegar às formações nebulosas do pensamento dos homens. Parte-se, então, não do pensamento, daquilo que os indivíduos pensam, mas da *prática*. Parte-se dos indivíduos reais e das suas condições materiais de existência, do modo como produziam sua vida. Este modo de pensar não podia ser visto, ressaltavam Marx e Engels, de um único ponto de vista, o da reprodução da existência física dos indivíduos:

“Trata-se, muito mais, de uma determinada forma de atividade dos indivíduos, determinada forma de manifestar sua vida, determinado *modo de vida* dos mesmos. Tal como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com *o que* produzem, como com o modo *como* produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção” (p. 27/8).

2. Algumas considerações acerca da ideologia

Para o cientista social, o conceito de ideologia é um dos mais importantes para se levar em conta quando se trata de realizar uma pesquisa histórica. Esta questão torna-se ainda mais complexa se indagar pelo lugar de onde o pesquisador elabora suas questões, seleciona o material, faz indagações, levanta hipóteses e o interpreta. Todavia, não iremos abordar aqui esta questão. Trataremos aqui simplesmente do conceito de ideologia e como o mesmo, com o passar dos tempos, foi perdendo o conteúdo que possuía na obra de Marx e Engels.

Uma das passagens d’ **A Ideologia** que se costuma citar para conceituar ideologia é um trecho suprimido pelos próprios autores. Neste, onde afirmam conhecer apenas uma ciência, a ciência da história, Marx e Engels propõem-se a examinar a história dos homens. E acrescentam: “(...) *pois quase toda a ideologia se reduz ou a uma concepção distorcida desta história, ou a uma abstração completa dela. A própria ideologia não é senão um dos aspectos desta história*” (p. 24).

Mais adiante, já no corpo da obra, Marx e Engels abordam a questão da ideologia e do fato de as relações sociais aparecem aos próprios homens de maneira invertida:

“A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real. E se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem invertidos como numa câmara escura, tal fenômeno decorre de seu processo histórico de vida, do mesmo modo por que a inversão dos objetos na retina decorre de seu processo de vida diretamente físico” (p. 37).

Ainda um pouco mais adiante, referindo-se às formações nebulosas no cérebro dos homens, Marx e Engels afirmam que estas “(...) *são sublimações necessárias do seu processo de vida material* (...)” (p. 37).

Das três passagens citadas podemos concluir como pertencendo ao espírito de Marx e Engels a formulação de que, mesmo quando as relações entre os homens aparecem de forma nebulosa, invertidas, omitidas, etc., isto não constitui uma intenção deliberada, mas o resultado do próprio processo de vida material. Necessariamente os homens vêm suas

relações desta forma, é produto de suas próprias relações sociais. Em consequência, Marx e Engels puderam afirmar que a própria ideologia constitui um dos aspectos da história.

Ao considerarem a ideologia, a apreensão *distorcida* das relações sociais, como um dos aspectos da história, isto é, como produto da própria história, Marx e Engels retiram desta noção qualquer idéia de intencionalidade.

Chamamos a atenção para este fato porque, freqüentemente, observamos nos autores a idéia de que uma ideologia é intencionalmente forjada, com o propósito deliberado de escamotear as verdadeiras relações sociais. Com isto se supõe que a classe ou classes que agem deste modo tem a consciência de um mundo real, mas que procuram escondê-lo dos demais membros da sociedade. Ao contrário desta verdadeira conspiração, a posição de Marx e Engels é que se os homens concebem suas relações de um determinado modo isto nada tem a ver com a intenção, mas com o processo de vida real. É este processo que acaba por impor aos homens um determinado modo de pensar. Como os homens se produzem socialmente, assim são eles; assim como os homens são, assim é sua consciência.

“Os homens são os produtores de suas representações, de suas idéias etc., mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar às suas formações mais amplas” (p. 36-7).

Sob este aspecto, cremos que se pode fazer uma crítica à historiografia que tem na contraposição entre “historia oficial” e “história dos vencidos” o cerne da sua formulação. Como observaram Marx e Engels

“As idéias da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes; isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. (...) As idéias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como idéias; portanto, a expressão das relações que tornam uma classe a classe dominante; portanto, as idéias de sua dominação” (p. 72).

Deste modo, se as formas sociais são formas de existência dos homens e, a cada época, segundo as condições materiais dadas, estes contraem determinadas relações, então, estas são relações dentro das quais os homens produzem sua vida. Em consequência, qualquer que seja a estrutura social, trata-se sempre de uma estrutura de produção da vida humana. O fato desta estrutura encerrar uma ou mais classe dominante, isto decorre das condições materiais e, portanto, não pode ser considerada nem uma injustiça nem suas idéias serem desprezadas porque são as idéias da classe dominante. Como enfatizaram Marx e Engels,

as idéias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes.

3. Uma nova concepção de história

Marx e Engels elaboraram, n' **A Ideologia Alemã**, uma nova forma de se conceber a história. Ao longo do texto, seja criticando os filósofos alemães por ignorarem completamente a base material do seu pensamento, por conseguinte, a própria história, seja expondo de maneira positiva, estes autores expuseram sua concepção da história.

No cerne desta nova concepção de história, encontramos a *produção da vida humana*. É produzindo sua existência que os homens contraem determinadas relações sociais, relações estas, diga-se de passagem, que os mesmos não escolhem mas são determinadas pelas condições materiais de produção existentes. A partir desta base material encontramos as demais formas, como o Estado, a consciência, etc.

“Esta concepção da história consiste, pois, em expor o processo real de produção, partindo da produção material da vida imediata; e em conceber a forma de intercâmbio conectada a este modo de produção e por ele engendrada (ou seja, a sociedade civil em suas diferentes fases) como o fundamento de toda a história, apresentando-a em sua ação enquanto Estado e explicando a partir dela o conjunto dos diversos produtos teóricos e formas da consciência - religião, filosofia, moral, etc. - assim como em seguir seu processo de nascimento a partir desses produtos; o que permite então, naturalmente, expor a coisa em sua totalidade (e também, por isso mesmo, examinar a ação recíproca entre estes diferentes aspectos)” (p. 55).

O fundamento da concepção de história de Marx e Engels é, portanto, a relação que os homens contraem entre si e com a natureza para a produção de sua existência.

Marx resumiu o conjunto das suas formulações e das de Engels contidas n' **A Ideologia** no prefácio à **Contribuição**. Neste pequeno texto, Marx expôs de maneira sintética aquilo que, ainda na primeira obra, encontrava-se em fase de formulação e, por conseguinte, assumiu necessariamente a forma da polêmica, da repetição de uma idéia de diferentes maneiras, justamente para torná-la clara, seja para o próprio autor, seja para o leitor que estava deparando-se com uma nova forma de conceber a história. Vale, por isso, a citação do prefácio:

“O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu de fio condutor aos meus estudos, pode resumir-se assim: na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência.”⁴

Assim, no texto que pode ser considerado definitivo acerca da ideologia, Marx reafirma, de forma sucinta, o fato de que é o ser social do homem que determina sua consciência.

Conclusão

Ao longo desta discussão procuramos chamar a atenção para alguns aspectos d’**A Ideologia Alemã**. Dentre estes, destacamos o fato da doutrina nela exposta ser, ela própria, produto da história. Isto significa que foram condições materiais, históricas, que permitiram o surgimento de uma nova forma de se pensar os homens, agora como seres que produzem sua própria vida por meio do trabalho. Marx e Engels não se explicam, deste modo, pela injustiça ou desigualdade da sociedade burguesa. Como eles próprios deixaram entrever, a *injustiça*, a *desigualdade*, a divisão da sociedade em classes e a exploração a que era submetida a classe operária era a forma de ser desta sociedade. Por conseguinte, forma dos homens produzirem sua vida. Sob este aspecto, a sociedade burguesa afigurava-se, aos olhos de Marx e Engels, uma sociedade como outra qualquer, sem qualquer julgamento de ordem moral.

Outro aspecto desta obra que julgamos fundamental é o fato de Marx e Engels anunciarem o fim da filosofia como forma de os homens pensarem a si mesmos e as suas relações. Somente com o grande desenvolvimento alcançado pelas condições materiais de existência na sociedade burguesa, com a revolução industrial, é que tornou-se possível pensar a produção como fundamento das relações sociais. Que a Antiguidade se concebesse através da política e a Idade Média da religião, isto não era uma falsa visão ou uma visão distorcida, mas o resultado das próprias condições de existência dos homens.

Como Marx e Engels estavam expondo, pela primeira vez, de modo sistemático, as descobertas a que havia chegado, pelo estudo e pela militância política, **A Ideologia Alemã** constitui, a nosso ver, obra fundamental para os que

desejam conhecer o pensamento marxista. Como se tratava de uma primeira exposição, Marx e Engels foram obrigados a se contrapor às idéias vigentes e precisar o que distinguia sua doutrina das vigentes. Por isso, nesta contraposição encontramos, de forma detalhada, a exposição de uma nova maneira de se interpretar a história.

Bibliografia

MARX, K. Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política. IN: MARX, K. e ENGELS, F. **Textos**. São Paulo: Edições Sociais, [s.d.], 3vs. v. III.

MARX, K. e ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Trad. de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira, São Paulo: Grijalbo, 1977.

⁴ MARX, op. cit., p. 301.